

**RUTA SEPETYS**

**O FIM  
DOS  
*Sussurros***

**TRADUÇÃO DE BEATRIZ GUTERMAN**



**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023



*Em memória dos corajosos estudantes romenos.  
21 de dezembro de 1989*

Din biroul lui  
Cristian Florescu

**CIORNĂ**

Amostra

**BUCARESTE,  
ROMÊNIA, 1989**

Amostra

# 1

## UNU

O medo chegou às 17h.  
Era outubro. Uma sexta-feira cinzenta.  
Se eu já soubesse? Teria corrido. Tentado me esconder.

Mas não sabia.

Sob a meia-luz do corredor da escola, vi meu melhor amigo, Luca. Ele andou até mim, passando pelo enfadonho cartaz na parede de concreto.

*Novos Homens da Romênia:*

*Vida longa ao Comunismo — o resplandecente futuro da humanidade*

Naquele momento, minha mente estava preocupada com algo muito além do comunismo. Algo mais urgente.

A escola acabava às 19h. Se eu saísse na hora certa, conseguiria andar ao lado dela: a garota quieta cujo cabelo cobria os olhos. Pareceria uma coincidência, e não algo forçado.

O corpo alto e esguio de Luca surgiu ao meu lado.

— É oficial. Meu estômago está se autoconsumindo.

— Toma. — Dei meu saquinho de sementes de girassol a ele.

— Obrigado. Ficou sabendo? A bibliotecária disse que você é uma má influência.

Eu ri. Talvez fosse verdade. Os professores se referiam a Luca como “doce”, mas me chamavam de sarcástico. Se eu era do tipo que começaria uma briga, Luca era do tipo que a separaria. Havia uma certa avidez nele, enquanto eu preferia analisar e observar de longe.

Paramos para que Luca pudesse falar com um grupo de garotas barulhentas. Eu esperei impaciente.

— *Ei*, Cristian. — Uma das garotas sorriu. — Cabelo legal, cortou com uma faca de cozinha?

— Cortei — falei baixo. — E vendado. — Assenti para Luca e segui pelo corredor sozinho.

— Estudante Florescu!

A voz era do diretor da escola. Ele aguardava no corredor, conversando com um colega. O Camarada Diretor alternou o peso do corpo de uma perna para a outra, tentando parecer descontraído.

Mas nada era descontraído.

Nas aulas, sentávamos eretos. O Camarada Professor ensinava aos berros para nosso grupo de quarenta alunos. Escutávamos parados feito pedra e apertando os olhos sob a luz pálida. Na chamada, nossos nomes eram marcados como “presente”, mas estávamos frequentemente ausentes de nós mesmos.

Eu e Luca usávamos gravata e terno azul-marinho para o *liceu*. Todos os garotos usavam. As garotas, salopetes azul-marinho e arcos de cabelo brancos. Os distintivos costurados nos nossos uniformes identificavam a qual escola pertencíamos. Mas no outono e no inverno, nossos uniformes não ficavam à vista. Eram cobertos por casacos, cachecóis de lã e luvas usadas para combater o frio cortante do prédio de cimento sem calefação.

Frio e escuro. As juntas doloridas. É difícil fazer anotações quando não se sente os dedos. É difícil se concentrar quando a eletricidade acaba.

O diretor limpou a garganta.

— Estudante Florescu — repetiu. — Vá até a secretaria. Seu pai deixou uma mensagem para você.

Meu pai? Meu pai nunca vinha à escola. Eu raramente o via. Ele trabalha turnos de doze horas, por seis dias na semana, na fábrica de móveis.

Senti um nó se contrair em meu estômago.

— Sim, Camarada Diretor.

Segui para o escritório, como me foi dito.

Será que pessoas de fora entenderiam? Na Romênia, fazemos o que nos dizem.

E nos diziam muitas coisas.

Eles nos diziam que no comunismo somos todos irmãos e irmãs. Dirigir-se a todos com o termo “camarada” reforçava que éramos todos iguais, sem nenhuma classe social para nos dividir. Bons irmãos e irmãs do comunismo seguiam regras.

Eu fingia seguir as regras. Escondia algumas coisas, como meu interesse em poesia e filosofia. Fingia outras coisas também. Fingia perder meu pente, quando, na verdade, preferia meu cabelo espetado. Fingia não perceber

quando as garotas olhavam para mim. E isto: fingia que estudar inglês era um compromisso com meu país.

— As palavras são como armas. Também vou poder enfrentar nossos inimigos norte-americanos e britânicos com palavras, não só com tiros.

Foi o que eu disse.

Nossa disciplina de combate se chamava Preparando a Juventude para Defender o País. Começamos a treinar com armas na escola aos 14 anos. Isso é muito jovem ou muito velho, comparado aos outros países? Lembro-me de anotar essa pergunta no meu diário secreto.

Na realidade, meu desejo de falar inglês nada tinha a ver com enfrentar nossos inimigos. Quantos inimigos nós tínhamos, afinal? Eu realmente não sabia. A verdade era que a aula de inglês estava lotada de garotas quietas e inteligentes. Garotas que eu fingia não notar. E se eu falasse inglês, podia entender melhor as letras das músicas que ouvia ilegalmente nas transmissões da Voice of America.

Sim, ilegalmente. Muitas coisas eram ilegais na Romênia, inclusive meus pensamentos e meu diário. Mas eu estava convencido de que podia esconder tudo. Afinal, o manto da melancolia é denso e pesado. Ótimo para encobrir as coisas, certo?

Segui pelo corredor escuro até o escritório.

Eu era um idiota.

Só não sabia ainda.

## 2

### DOI

**E**ntrei na secretaria da escola. A secretária idosa e severa me olhou de relance e desviou os olhos para o próprio colo. Não fez contato visual. Apontou um dedo enrugado na direção do escritório do diretor.

Meu estômago se contraiu ainda mais.

Uma caixa sem janelas. O teto estava manchado de fumaça. O cheiro rançoso e disperso de papel mofado. Acima da mesa simples e quadrada do diretor havia um retrato dentro de uma moldura dourada. Retratos idênticos àquele decoravam toda a Romênia: salas de aula, estações de trem, lojas, hospitais e até mesmo capas de livros.

Ele.

Nicolae Ceaușescu.

Nosso amado líder. Nosso herói. Dissidente do grande Partido Comunista da Romênia e sugador de sangue do pescoço de milhões. Metáfora ilegal? Com certeza.

O novo retrato mostrava nosso herói com bochechas coradas e vastos cabelos castanhos ondulados. Ele e sua esposa, Heroína Mãe Elena, haviam liderado a Romênia por 24 anos. Não me demorei na imagem que mostrava uma versão muito mais jovem de nosso líder. Em vez disso, meus olhos se voltaram para o estranho sentado embaixo do retrato.

Trinta e poucos anos. Uma cicatriz na sobrancelha. Mais entradas do que cabelo. Cada mão do tamanho de uma raquete de tênis e ombros que passavam da largura da cadeira.

— Feche a porta — instruiu o homem.

Fechei a porta de madeira, mas não me sentei. Não me foi dito para fazê-lo.

O estranho abriu uma pasta que estava a sua frente. Uma foto grampeada no canto de cima do arquivo mostrava um jovem de cabelo escuro bagunçado e olhos claros. E foi então que senti um buraco se abrir em meu estômago.



A um metro de mim não estava apenas um homem enorme com uma só sobrancelha e páis no lugar das mãos.

Não.

Esse homem era um carrasco, um cavaleiro negro, um espião. Ele era um agente da Securitate, a temida polícia secreta da Romênia. Ao seu alcance havia um arquivo e uma foto.

Minha.

— Dizem que há um Secu para cada cinquenta romenos — minha irmã Cici me alertara uma vez. — Há 23 milhões de romenos. Faça as contas. Os agentes da Securitate estão por toda a parte.

Nós os chamávamos de “garotos de olhos azuis”. Com ou sem apelido, eles costumavam ser fáceis de reconhecer. Na Romênia, se sua família fosse sortuda o suficiente para poder comprar um carro e pudesse esperar cinco anos até que um estivesse disponível, você já sabia qual teria. Só havia uma marca de carros: Dacia. Eles poderiam ser de algumas cores, como branco, azul ou verde. Mas a polícia secreta, eles dirigiam Dacias pretos. Havia um jovem no nosso bloco que dirigia um Dacia preto. Eu o observava da varanda. De longe, eu ficava intrigado.

O homem na minha frente dirigia um Dacia preto. Eu tinha certeza. Mas eu não estava intrigado.

Estava assustado.

O agente se recostou, gerando protestos da frágil cadeira de metal. Silenciosamente seus olhos perfuravam buracos em mim, rachando as paredes da minha confiança. Ele esperou, e esperou, fazendo com que os buracos fossem preenchidos por medo.

De repente, ele se mexeu, batendo as pernas dianteiras da cadeira no chão. Ele se inclinou sobre a mesa, exalando o odor rançoso da nicotina impregnada em sua língua pastosa e amarela. Suas palavras ainda me assombram.

— Você é Cristian Florescu — disse ele —, e sei o que você fez.

# 3

## TREI

**E**le sabia o que eu havia feito.

O que eu havia feito?

A verdade é que a maioria dos romenos quebrava as regras de um jeito ou de outro. Havia muitas regras a se quebrar. E muitas pessoas para delatar que você as havia quebrado.

Um compositor escreveu letras negativas sobre a vida na Romênia. Ele foi internado em um manicômio.

Um universitário foi encontrado com uma máquina de escrever não registrada. Ele foi mandado para a prisão.

Se reclamasse em voz alta, você poderia ser preso como “agitador político”. Mas eu não havia reclamado em voz alta. Eu fazia a maioria das coisas discretamente. Em segredo. Então o que o agente havia descoberto?

A antena de rádio que eu fiz em casa? As piadas que escrevi? Foi o guia de viagens?

Eu comprava coisas em inglês às escondidas, de um contrabandista da vizinhança chamado Estrela-do-mar. Ler material contrabandeado em inglês melhorava o meu vocabulário. Minha última compra havia sido um punhado de páginas arrancadas de um guia de viagens em inglês. Guias de viagens e mapas vindos do exterior costumavam ser confiscados dos turistas. Ao ler aquelas páginas, entendi o porquê:

*Condições terríveis na Romênia.*

*Nicolae Ceaușescu. Líder impiedoso. Megalomaniaco.*

*Todos vivem sob vigilância.*

*O país do Bloco Leste em que mais pessoas estão sofrendo.*

E isto:

*O povo da Romênia é inteligente, bonito e simpático, mas estão proibidos de interagir com estrangeiros. Imagine um hospital psiquiátrico em que os insanos dão as ordens e os*

*funcionários são punidos por sua sanidade. É melhor evitar a Romênia. Em vez disso, visite a Hungria ou a Bulgária, onde as condições são melhores.*

A observação sobre a vigilância... era verdade. Todos eram possíveis alvos da vigilância. Ela, Mãe Elena Ceaușescu, chegou a decretar que as varandas dos apartamentos deveriam permitir uma visão total. O Partido Comunista tinha o direito de ver tudo o tempo todo. Tudo pertencia ao Partido. E o Partido pertencia aos Ceaușescus.

— Bom para eles. Não têm que viver dentro de um pedaço de cimento — zombei uma vez.

— Shh. Nunca mais repita isso em voz alta — arquejou minha mãe.

Eu nunca mais falei aquilo, mas escrevi no meu caderno.

Meu caderno. Espera. Isso era por causa do meu caderno?

O agente gesticulou para que eu me sentasse. Obedeci.

— Sabe por que está aqui? — perguntou.

— Não, Camarada Tenente.

— Camarada Major.

Engoli em seco.

— Não, Camarada Major, não sei por que estou aqui.

— Então me permita esclarecer. Você tem uma coleção de selos impressionante. Vendeu um selo romeno antigo. A negociação foi com um estrangeiro, e você aceitou moeda estrangeira. Isso te torna culpado por tráfico ilegal e você será julgado.

Um arrepio percorreu minha nuca. Meu cérebro começou a trabalhar.

O selo velho.

O dólar americano.

Aquilo havia sido dois meses antes. Há quanto tempo eles sabiam?

— Eu não vendi o selo — disse. — Eu dei a ele. Eu só encontrei o...

Parei. Na Romênia, era ilegal dizer a palavra “dólar”.

— Só encontrei a... moeda... vários dias depois, quando abri o álbum. Ele deve ter enfiado ela ali quando eu não estava olhando.

— Como entrou em contato com o adolescente, em primeiro lugar? Interagir com estrangeiros é ilegal. Qualquer contato com estrangeiros deve ser relatado imediatamente. Você sabe disso.

— Sim, Camarada Major. Mas minha mãe limpa os apartamentos de dois diplomatas dos Estados Unidos. Isso está nos registros.

Mas havia coisas que *não* estavam registradas. Ou era o que eu pensava. Eu havia conhecido o filho de um dos diplomatas enquanto esperava minha mãe. Fizemos amizade. Trocamos selos. Conversamos. Dei uma olhada em seu diário... e decidi começar um também.

— Sua mãe limpa os apartamentos de diplomatas dos EUA. Como ela conseguiu esse trabalho?

— Acho que... foi uma amiga? — Eu realmente não lembrava. — Eu conheci o norte-americano enquanto esperava minha mãe. Costumo acompanhá-la até em casa. Minha mãe tem dificuldade para enxergar no escuro. É assustador para ela.

— Está alegando que se envolveu em uma negociação ilegal com um adolescente norte-americano porque sua mãe tem medo do escuro? A deficiência de sua mãe nada tem a ver com seu crime. Mas a punição se *estenderá* para toda sua família.

Um crime? Toda minha família?

Mas eu não havia aceitado o dólar. Ele só... apareceu.

Como ele sequer ficou sabendo?

As súplicas da minha mãe e irmã surgiram em coro.

*Nunca diga nada... a ninguém.*

*Não se esqueça, Cristian, nunca se sabe quem está ouvindo.*

*Por favor, não chame a atenção para nossa família.*

Encarei o agente à minha frente. Um suor arrepiante umedeceu a palma das minhas mãos e uma mariposa invisível se agitou na minha traqueia. Na Romênia, a Securitate tinha mais poder que os militares. Esse homem poderia nos destruir. Poderia aumentar a vigilância sobre nossa família. Poderia acabar com minhas chances de ir à universidade. Poderia fazer com que meus pais fossem demitidos. Ou pior.

O agente se inclinou para a frente, pousando suas enormes raquetes carnudas na mesa.

— Vejo que entendeu a seriedade da situação. Me disseram que você é um bom aluno, talentoso, um observador entre seus colegas. Hoje estou me sentindo generoso.

Ele iria me liberar com uma advertência. Soltei o ar em gratidão.

— *Mulțumesc.* Eu...

— Já está agradecendo? Ainda nem ouviu minha proposta. Ela é simples e, como eu disse, bem generosa. Você vai continuar a encontrar sua

mãe e acompanhá-la até em casa. Vai continuar a interagir com o filho do diplomata norte-americano. E vai relatar detalhes da casa e da família do diplomata para mim.

Não era uma proposta. Era uma ordem. Uma que colocava todos os meus princípios em jogo. Eu forneceria informações sobre a vida privada dos outros em segredo, seria um traidor, um *turnător*.

Nunca poderia contar a minha família. Eu viveria em constante dissimulação. Deveria recusar. Mas se recusasse, minha família sofreria. Disso eu tinha certeza. E então, em meio ao silêncio, o agente fez sua jogada final.

— Me diga, como vai seu *bunu*?

*Şabmat*. Xeque-mate. Essa simples menção me fez fraquejar.

Ele sabia do meu avô. Bunu era uma luz, cheio de sabedoria e filosofia. Bunu sabia do meu interesse em poesia e literatura. Ele o encorajava. Silenciosamente.

— Eles roubam nosso poder nos fazendo acreditar que somos fracos — Bunu disse. — Mas as palavras e a criatividade têm poder, Cristian. Explore esse poder na sua mente.

A coleção de selos era o tesouro de Bunu. Durante anos, aquele havia sido nosso projeto secreto.

Tínhamos outros segredos. Como a leucemia de Bunu, que o acometera rapidamente.

— Não conte a ninguém — implorou nossa mãe, sempre apreensiva.

Não precisávamos. Qualquer um poderia perceber que um homem animado e saudável de repente havia ficado pálido e abatido. Não podia levantar uma frigideira sem deslocar o pulso.

Mãos de Raquete limpou a garganta.

— É uma proposta generosa. Faremos uma parceria. Você me traz informações, e eu te dou medicamentos para o Bunu. Ele não vai sofrer.

E foi assim que começou.

Eu era Cristian Florescu. Codinome “OSCAR”.

Um espião de 17 anos.

Um informante.

**RELATÓRIO OFICIAL DE  
RECRUTAMENTO DE "OSCAR"**

**Ministério do Interior**  
**Departamento de**  
**Segurança do Estado**  
**Diretoria III, Divisão 330**

**ULTRASSECRETO**  
**[15 de outubro de 1989]**

Recebemos por meio da Fonte "FRITZI" a indicação de Cristian Florescu (17), estudante do Colégio MF3, para supervisão informativa do diplomata norte-americano Nicholas Van Dorn (nome do alvo: "VAIDA"). A mãe de Florescu trabalha para Van Dorn como doméstica e tem acesso à família. Florescu foi descrito como um jovem inteligente, observador e discreto, com grande facilidade para a língua inglesa. Ele também tem acesso ao apartamento e à família de Van Dorn. A abordagem aconteceu nos perímetros da escola, e o contrabando ilegal de selos foi usado como pretexto para seu recrutamento. Florescu pareceu desconfiado, mas quando foi apresentada a opção de fornecimento de medicamentos para seu avô, concordou em prover informações sob o codinome OSCAR. OSCAR será utilizado para:

- interagir com Dan (16), filho de Van Dorn
- definir os padrões na rotina da família Van Dorn
- definir quem frequenta a residência
- fornecer um mapa e um esboço detalhado da residência dos Van Dorn
- verificar as crenças gerais dos Van Dorn em relação à Romênia

# 4

## PATRU

**A** culpa anda em quatro patas. Espreita, rondea e domina. Pressiona as garras contra sua garganta. E espera.

Deixei a escola, feliz pela caminhada de dois quilômetros até nosso prédio. Porém, a cada passo, o medo e a culpa se transformavam em raiva.

Que tipo de ser humano se aproveita de adolescentes e usa um avô doente como moeda de troca? Por que eu não me recusei e disse a ele para ir com o Darcia preto direto para o inferno? Por que cedi tão fácil?

O agente tinha um arquivo. Quem havia me delatado? Por cima do ombro, olhei rapidamente para as sombras. Eu estava sendo seguido?

Eu ainda não sabia a verdade: muitos de nós estavam sendo seguidos.

A noite chegou entre nuvens dispersas. O céu estava negro e sem luz. Edifícios altos e cinzentos se erguiam em cada lado da rua, me oprimindo. Morar em Bucareste era como viver em uma fotografia em preto e branco. A vida em tons frios e monocromáticos. Você sabia que havia cor em algum lugar além da paleta de cimento e carvão da cidade, mas não conseguia chegar até lá — além do cinza. Até minha culpa tinha um gosto cinza, como se eu tivesse engolido um punhado de fuligem.

Será que era algo tão cruel como parecia? Eu só espiaria uma família norte-americana, não romenos como eu. Os livros de espionagem romenos representavam os Securitate como defensores contra as malignas forças ocidentais. Mas se as histórias eram verídicas, os agentes eram previsíveis. Talvez eu pudesse enganá-los.

Sim, eu realmente pensei isso. Eu podia enfrentar os Securitate.

Mas como eu poderia viver com a culpa? Ela não desapareceria com uma noite de sono. Minha família perceberia que algo estava errado.

Eu conseguiria enganar meus pais. Meu pai nunca estava em casa, sempre trabalhando. Nos últimos anos, parecia mais uma sombra do que um homem. Mamãe estava sempre distraída e preocupada, constantemente fazendo

listas. Eu acho que ela fazia listas de coisas com que se preocupar. Mas eu não conseguiria enganar Bunu. E eu com certeza não conseguiria enganar minha irmã mais velha, Cici.

Então inventei uma história sobre provas de admissão.

As provas para entrar na universidade eram extremamente competitivas. Trinta alunos concorriam a quatro vagas na área da educação. Setenta alunos disputavam apenas uma vaga em medicina.

— Filosofia — assentiu Bunu — é alimento para a alma. Tente uma vaga em filosofia. Sabe, o comunismo é um estado de espírito — explicava batucando um dedo na têmpora. — O Estado controla a quantidade de alimento que comemos, nossa eletricidade, transporte, as informações que recebemos. Mas, com a filosofia, temos controle da nossa mente. E se nós pudéssemos construir e pintar nossa paisagem interna?

Bunu costumava falar de “e se” animadores. Eu os anotava em meu caderno. Como poderíamos pintar ou desenhar de forma criativa? Se o Ocidente era uma caixa de giz de cera colorido, minha vida era um estojo com lápis sem ponta.

Minha família sabia que eu queria ir para a universidade. Eu fingiria estar chateado porque as vagas disponíveis em filosofia foram cortadas pela metade. Cici reviraria os olhos.

— Você leva as coisas muito a sério, Cristi — diria ela. — Muitos romenos têm diplomas de pós-graduação que agora não servem de nada. Ser considerado intelectual pode ser perigoso agora. Queria que você deixasse isso de lado.

Achei que minha história funcionaria. Fingiria estar preocupado, ocupado estudando para as provas. Eles não fariam perguntas.

Mas Bunu sempre fazia perguntas.

E se ele descobrisse? Ele nunca entenderia por que eu me tornei um informante. Um traidor. Eu era pior que o câncer que o consumia.

E então ouvi os passos.

Minha pergunta foi respondida.

Eu *estava* sendo seguido.



# 5

## CINCI

**R**espirei fundo, ouvindo atentamente. Arrisquei olhar por cima do ombro.

Uma figura espreitava nas sombras. Uma garota. Ela carregava uma grande vareta embaixo do braço. E então sua voz baixa surgiu, dizendo olá.

— *Bună.*

— *Bună* — assenti.

Ela se aproximou, e, de repente, estávamos lado a lado.

Minha pulsação se acalmou.

Liliana Pavel. A garota cujo cabelo cobria os olhos. A garota com quem eu queria me encontrar por “coincidência” depois da escola. Eu havia elaborado um grande plano, com um cronograma preciso, mas ele havia evaporado depois do meu encontro com o Agente Mãos de Raquete.

Liliana morava no prédio de Luca e também estudava inglês. Ela era reservada, inteligente, um mistério sob a franja castanha e tinha um senso de humor perspicaz. Quando minhas respostas continham uma ironia que o Camarada Professor não captava, Liliana as entendia. Seus esforços para esconder um sorriso a entregavam.

A maioria dos estudantes andava em grupos, mas Liliana costumava vaguear para ler em algum lugar. As capas de seus cadernos eram lotadas de flores e de signos do zodíaco desenhados à mão. Às vezes, pelo jeito que ela me olhava, eu sentia que ela podia ler minha mente. E eu gostava.

Os nossos prédios ficavam um de frente para o outro no fim de uma rua sem saída. O pai de Liliana era gerente de uma mercearia: um trabalho muito invejável em uma cidade onde a maioria das pessoas estava morrendo de fome.

Diferente de algumas meninas tagarelas, Liliana não falava com qualquer um. Uma vez, quando éramos mais jovens, ela prestou atenção em mim. Eu estava com um grupo de amigos na rua, e, do nada, ela veio até mim e me deu um pedaço de *Gumela*.

— Pra você — disse ela. Meus amigos soltaram risadinhas.

Por dentro, eu fiquei feliz, mas não queria que meus amigos soubessem.

— É só chiclete cinza. Vira areia dentro da boca — eu disse, dando de ombros.

Naquela época, eu já era um idiota.

Ainda me lembro da expressão triste no rosto dela. Só agora, dois anos depois, ela se aproximou de mim de novo. Será que eu deveria me desculpar por ter sido um otário em relação ao chiclete? Não, ela provavelmente nem se lembrava.

Andamos em silêncio, a escuridão acentuada pela batida ocasional da vareta que Liliana carregava. Ela apontou a vareta, gesticulando.

— Qual é o nome disso em inglês?

— *Streetlights* — respondi. — Mas adivinha? Acho que em outros países os postes de luz realmente funcionam.

Ela riu.

Os postes de luz em Bucareste não funcionavam. Era muito caro. A Romênia tinha muitos recursos, mas durante anos nosso “herói” exportou todos eles para quitar as dívidas do país. Como resultado, a eletricidade e a alimentação eram racionadas.

Passamos por uma longa fila de pessoas em frente a uma loja controlada pelo Estado. Elas estavam em pé, encolhidas contra o frio, agarrando seus cartões de alimentação enquanto esperavam por alguma sobra de comida que nenhum outro país queria.

— A Rússia fica com toda nossa carne. Não é injusto? — perguntou Luca certa vez. — Ficamos só com os patriotas.

Às vezes, os pés de porcos e galinhas abatidos ficavam disponíveis nas lojas. Nós os chamávamos de “patriotas”, pois aquela era a única parte do animal que continuava na Romênia. Humor ácido nos divertia.

Apontei para a loja.

— Uma porção diária de ótimos patriotas, não é?

— Patriotas... e aquela *Gumela* que você ama — disse Liliana.

Ela olhou séria para mim e, então, caiu na gargalhada.

Eu também ri e balancei a cabeça.

— Desculpa, fui um otário.

Ela assentiu sem dizer nada. Então, sorriu.

Tentei não ficar encarando, mas dei umas olhadelas enquanto andávamos. Seu cachecol roxo não era algo que se encontrava para comprar. Ela mesma o havia tricotado? Eu deveria perguntar? Eu sabia que por baixo do

cachecol estava o colar que ela sempre usava: um cordão de camurça com um amuleto de prata. Seu cabelo estava solto em ondas suaves e sedosas, passando um pouco dos ombros.

Liliana olhou a fila para a comida, fazendo careta. Com o passar dos anos, a sensação de escuridão ia muito além da eletricidade. Para mim, a escuridão era como um veneno, se apossando de tudo. Ela também sentia?

Ela lançou um olhar por cima do ombro e falou baixo.

— Meu pai me contou que Bucarest era chamada de “Pequena Paris”. Havia árvores por toda parte, muitos pássaros e até a arquitetura da Belle Époque. Se lembra de como a cidade era? — sussurrou.

— Lembro algumas coisas. Meu *bunu* tinha uma casa. Ele me contou que Bucarest já foi uma parada de luxo do Expresso do Oriente.

— Sério?

Assenti.

Estava acontecendo. Eu estava indo para casa com Liliana Pavel. Estávamos conversando. Se eu pudesse falar livremente, diria: É, Bunu disse que depois de visitar a Coreia do Norte, Ceaușescu decidiu demolir nossa cidade para construir “a Casa do Povo” e blocos de apartamento. Nosso amado líder destruiu igrejas, escolas e mais de 30 mil lares, incluindo o de Bunu. O que acha disso?

Mas eu não podia falar livremente.

Ninguém podia.

— Queria que nosso bairro tivesse mais árvores — disse Liliana —, sinto falta dos pássaros.

Havia árvores nos parques e nas grandes avenidas, onde podiam ser desfrutadas por todos. As famílias, como a minha, de cinco pessoas, eram enfiadas em apartamentos de um dormitório, do tamanho de um cinzeiro. Olhei para os blocos de apartamento pelos quais passamos. Alguns nem estavam prontos. Não tinham portas, elevadores ou corrimões nas escadas. Esqueletos de concreto similares pairavam pela cidade, escadas que chegavam a lugar algum. Paredes de concreto que davam origem a fachadas de concreto.

Mas ninguém comentava.

O lema era: *Todos viverão juntos! Tudo será coletivo, compartilhado pelo Partido!* Ceaușescu cortava o ar com a mão quando dizia essas palavras. Os *Aplaudacci*, seus fiéis apoiadores, aplaudiam sem parar. Aqueles aclamadores estremeciam quando um vento frio batia em seus corações vazios e almas abandonadas? Pesquisei por palavras em inglês que pudessem descrever os *Aplaudacci* e as escrevi em meu caderno:

**BOOTLICKER. BUTT-KISSER. FAWNER.**

Lambe-botas. Puxa-saco. Bajulador.

Liliana puxou meu braço, me tirando de meus pensamentos.

— Cristian! Ah, não!

Amostra